

A TRAGÉDIA DO KATRINA

Morrer à espera de socorro no país mais rico do mundo...

A história trágica da portuguesa Yvette Pereira, falecida em New Orleans, contada pela sua filha

Yvette Pereira foi a vítima portuguesa do furacão Katrina, ou melhor, da falta de auxílio às vítimas da tempestade. Da zona de Leiria e emigrada nos Estados Unidos há mais de 45 anos, Yvette viveu grande parte da sua vida em Nova Orleães onde residia e trabalhava como contabilista. No dia do furacão, viu-se encurralada no sótão da sua própria casa, depois de uma árvore lhe ter destruído o carro e de o nível da água ter subido deixando apenas aquele reduzido espaço livre para ela e para a filha de 11 anos. Foram três dias de sofrimento, de espera, para ela e para as filhas, uma ali com ela naquele sótão a viver o desespero, e a outra, Vanessa Pereira de 27 anos, pelo telemóvel. Foi com Vanessa que falamos e foi ela que nos contou como em vão, durante três dias, se multiplicou em contactos, implorando que alguém fosse salvar a sua família. Palavras de dor de quem assistiu ao sofrimento da mãe durante três dias e a viu morrer por falta de ajuda. Yvette acabou por falecer devido a uma fuga de gás e Alexandra conseguiu sobreviver, depois de ter vivido um acontecimento que a marcou para sempre.

A minha mãe e a minha irmã deviam ter partido na manhã da tempestade, naquela segunda-feira de manhã cedo. No entanto, quando ela se preparava para sair a tempestade já estava tão forte que uma árvore caiu so-

naquele sótão por três dias até as irem lá buscar.

O problema foi que houve uma fuga de gás e a minha mãe estava sentada exactamente na área do sótão onde não havia ventilação.

Quando a minha irmã lhe chamou a atenção, ela já tinha começado a sentir os efeitos da intoxicação...

“LIGUEI CERCA DE 27 VEZES E ELES DEIXARAM-NAS LÁ FICAR NAQUELE SÓTÃO POR TRÊS DIAS”

bre o carro. Elas correram novamente para dentro e pouco tempo depois a água começou a subir. Correram para o sótão, juntamente com os nossos animais de estimação, um gato e um cão. A água parou de subir a cerca de oito ou sete pés.

Eu nessa altura já estava no Mississipi. Entrei em contacto com a minha mãe através do telemóvel que ela tinha com ela e ela contou-me que estava encurralada. Disse-lhe que ia telefonar para toda a gente possível informando que ela lá estava. Também ela ligou para o 911 e informou-os que estava fechada no sótão com uma criança de 11 anos e pediu que a fossem buscar. Comecei por telefonar para a “First Rescue International Guard”, depois para a “Coast Guard”, “Red Cross”, enfim, a toda a gente que conseguia alcançar. Liguei cerca de 27 vezes e eles deixaram a minha mãe e a minha irmã de 11 anos ficar

Liguei de manhã à noite, não dormi durante estes três dias, sempre a telefonar...

Tratava-se da minha mãe e da minha irmã fechadas num sótão nojento, com água contaminada, com uma temperatura de 100 graus, e os meus animais de estimação... Não podia dormir.

Toda a gente com quem falava me dizia que era uma situação horrível, que iam lá mandar alguém imediatamente, mas não o fizeram. E dei-lhes mais do que uma morada: dei-lhes coordenadas para ajudar, disse-lhes que havia uma árvore no jardim da frente, disse que o telhado era castanho, que os tijolos da casa eram beijos, toda a informação possível. Conte o número de ruas a partir das maiores intersecções para que a pudessem identificar do ar, no entanto, foi tudo em vão. Não era difícil, era apenas contar. O problema não foi encontrar a casa, foi reagir. Ainda



Yvette Pereira em 1966, quando tinha 19 anos. Esta, e a outra foto na página seguinte, são as únicas fotografias que a filha conseguiu salvar da casa inundada de New Orleans

a noite passada vi uma reportagem sobre um hospital que não foi evacuado e viveu a mesma situação durante três, quatro dias. Muitos dos pacientes que precisavam de cuidados especiais acabaram por falecer. Não digo que a minha mãe e a minha irmã fossem prioridade, mas um hospital, com bebés e com mulheres e homens a morrer?

As bombas que não funcionaram

Nós vivemos numa área onde um dos diques rebentou e logo após isso ter acontecido a água começou a entrar com toda a força e com imensa velocidade dentro de casa e a subir rapidamente de nível. O que aconteceu foi que, da forma como eles estavam a bombear a água, a área onde o dique tinha rebentado estava a ficar mais cheia e o nível da água estava a cerca de oito, nove pés. E continuou a encher mesmo depois da tempestade ter passado. Não tenho a certeza se eles sabiam o que estavam a fazer pois estavam a inundar ainda mais as casas onde se encontravam pessoas encurraladas, como a minha mãe. Além disso, a água começou a invadir as ruas muito rapidamente porque a bomba que a cidade tem para retirar a água quando ela entra, tinha parado de trabalhar nessa manhã. A



Um banco sem fronteiras

NEW JERSEY

Newark

255 Lafayette St

275 Chestnut St

184 Ferry St

Elizabeth

928 South Elmora Ave

Kearny

180 Schuyler Ave

Long Branch

339 Broadway

Lyndhurst

623 Ridge Rd

Perth Amboy

615-617 Amboy Ave

Delran / Riverside

1105 S. Fairview St

Union

1225-1255 Stuyvesant Ave*

MASSACHUSETTS

Fall River

440 Stafford Rd

215 Pleasant St

Ludlow

40 East St

New Bedford

37 Rockdale Ave

1657-1667 Acushnet Ave*

NEW YORK

Mineola

190 East Jericho Tpke

Manhattan

45 West End Ave

bcpbank
beyond the expected

*Brevemente

a **Millennium** bcp bank

www.bankbcp.com
1.888.bcpbank

MEMBER
FDIC 

“Eles abandonaram-nos, basicamente abandonaram toda a cidade à morte”, diz Vanessa Pereira

tempestade ainda nem tinha chegado e a bomba tinha deixado de trabalhar ninguém sabe porquê.

A reacção à tempestade foi tão atrasada

Fechados num sótão, o que podem fazer uma mulher de 54 anos e uma criança de 11?

pelo governo que muita gente estava nesta situação. Muita, muita gente morreu por causa desta situação. Fechados num sótão. E o que podem fazer uma mulher de 54 anos e uma criança de 11 anos? Eles sugeriram que eu lhes dissesse para subirem ao telhado para que fossem vistas. Mas como é que uma pessoa de 54 anos e uma criança de 11 anos abrem caminho até ao telhado?!

Telefonei-lhes todos os dias a informar que elas ainda lá estavam e todos os dias me diziam que iam lá imediatamente. E cada dia que passou, elas continuaram no sótão. Além disso, começou a ficar muito quente, a temperatura subiu além dos 100 graus, e a minha irmã conta-me que os animais começaram a ter convulsões... Isto para uma criança de 11 anos, ver os animais de estimação a morrer à frente dela...

A certa altura, a minha irmã desceu as escadas do sótão num pequeno espaço e ficou ali, insistindo com a minha mãe para ela ir até à porta do sótão. Contudo a minha mãe já estava muito ruborizada por causa do gás e tinha desmaiado. A Alexandra tentou arrastá-la até a porta mas não conseguiu, não tinha força suficiente, claro. Ela pensou que a minha mãe tinha adormecido...A minha irmã também adormeceu devido ao gás, mas por milagre acordou. Quando recuperou os sentidos, viu que os animais estavam mortos e a que a minha mãe tinha falecido. Conta-me que verificou o coração dela, a respiração e olhou para os seus olhos e viu que ela estava morta. Cerca de cinco minutos depois, ouviu um barco e começou a gritar e a bater nas paredes do sótão, dizendo “a minha mãe está morta, por favor ajudem-me”. Eles vieram e abriram o telhado, tirando a minha irmã, mas não foram lá baixo verificar os sinais vitais da minha mãe. Nem sequer foram ver se ela estava em coma ou se talvez só com morte cerebral... Fosse o que fosse. Não é que isto tivesse mudado a situação, mas eles não foram lá, alegando que o buraco era muito pequeno para que lá coubessem e porque sentiram o cheiro a gás e tiveram receio que aquilo explodisse. Estamos a falar do FEMA (Federal

Emergency Management Agency). Basicamente, a minha irmã de 11 anos foi quem diagnosticou que a minha mãe tinha morrido. E não acho que isso esteja correcto.

Quando eles retiraram a minha irmã, levaram-na para uma ponte perto, para onde estavam a levar todas as pessoas que salvavam, e ela contou-me que havia um monte de gente sentada num camião a beber cerveja... A Alexandra, com os seus 11 anos, vê isto e percebe que foi por isso que ela esteve encurralada, uma vez que eram estas as pessoas responsáveis por a salvar. E ela pensa nisso, no facto de que talvez se eles fossem responsáveis, se não estivessem a beber, a mãe dela talvez ainda estivesse viva. Isto é imenso para uma criança de onze anos assimilar.

Ouvi histórias de amigos que estiveram no Centro de Convenções onde grande parte das brigas e violações aconteceram e um deles contou que a guarda nacional se trancou numa sala para se salvarem e deixaram o centro de convenções entrar em estado de loucura. O meu amigo recorda-se de um deles dizer que não se iam envolver em tudo aquilo, que era demasiado perigoso, outras coisas do género.

“É uma situação inacreditável. Eu não quero mais fazer parte deste país”

Qual é o seu trabalho? Estamos a falar da guarda nacional, é suposto proteger-nos! Muita gente morreu por causa disso. Imensa gente inocente.

A minha avó e a minha mãe vieram para aqui pensando que teríamos mais oportunidades e uma vida melhor mas não foi essa a história. Toda a nossa vida tivemos de lutar porque não éramos americanos, a minha avó e a minha mãe tinham sotaque. Foi uma terrível situação em particular naquela cidade, Nova Orleães.

Vejo na televisão o presidente a dizer que não sabia que isto estava a acontecer até terça ou quarta-feira. Isto é incrível. Como é que um presidente de uma nação pode não saber que o seu povo está a morrer, a afogar-se ou encurralado?

“Vamos recomeçar tudo assim que possamos”

A minha irmã tem apenas onze anos e já



Yvette Pereira numa foto de 1963, em Portugal, uma das duas únicas que a sua filha Vanessa possui

viu coisas que só posso imaginar em pesadelos. Ela é uma criança espantosa, ela diz que sabia que eu iria tomar conta dela – nós somos uma família muito unida – e ela apenas ficou contente por estar viva. Quando viu a minha mãe morrer, pensou que o mesmo lhe iria acontecer. Por isso, quando eles chegaram ficou apenas contente por ainda estar viva pois sabia que eu ainda cá estava e que estaríamos juntas. E é a isso que ela se tem agarrado. Quer voltar à escola, fazer novos amigos, jogar no computador... Ela ainda é uma criança. A Alexandra está a ter uma reacção melhor do que a minha em relação a tudo isto porque eu tenho uma compreensão das coisas que ela não tem.

Vamos recomeçar tudo assim que possamos. Não quero voltar a viver em Nova Orleães. Já vem outro furacão a caminho e haverá mais. A intensidade e a frequência das tempestades tem vindo a aumentar ao longo dos anos. Lembro-me que quando era criança tínhamos apenas um ou dois furacões em toda a época; agora são cerca de oito, nove, dez e nem sequer estamos perto do fim da estação. E um deles levou toda a minha cidade com ele...

Vou viver para Austin, Texas. Ainda é na costa do Golfo, mas mais no interior e ao nível do mar. A economia é melhor, é uma cidade universitária, com gente nova e, ainda

JESSICA LEMOS, EX-DIRECTORA DO INTERNACIONAL TRADE DEVELOPMENT DE NOVA ORLEÃES

“Sinto uma grande tristeza por todos aqueles que perderam tudo e pela cidade em si porque é tão única”

Jessica Lemos viveu grande parte da sua vida adulta em Nova Orleães. Foi lá que estudou na Universidade de Tulane e, durante dois anos, foi Directora do Internacional Trade Development desta cidade. Viveu lá seis anos da sua vida de 24 e por lá ficaram muitos amigos e memórias. De Washginton, para onde se mudou em Junho para iniciar o Mestrado em Public Policy, assistiu aos últimos acontecimentos incrível e com uma imensa tristeza, como nos contou:

Sinto uma grande tristeza por todos aqueles que perderam tudo e pela cidade em si porque é tão única, tem tanto charme e história e é tão distinta de tudo o resto nos EUA.

Sinto-me triste pelo que costumava ser a minha casa. Estudei na Universidade de Tulane e durante dois anos trabalhei para o Mayor. Durante dois anos trabalhei para o bem da cidade e por isso, de alguma forma, agora fica o sentimento de que o progresso que fizemos foi com a corrente. Também por isso me sinto triste. Estas três últimas semanas foram duras.

Perdeu amigos e familiares nesta tragédia?

Não perdi ninguém, graças a Deus. Tenho imensos amigos e queridos lá, já consegui entrar em contacto com todos mas de início foi muito complicado, porque as comunicações estavam inoperacionais. Obviamente, fiquei preocupadíssima. Todos eles estão a salvo e vivos, contudo muitos perderam tudo que alguma vez possuíram. Estão devastados.

Acredita que se poderia ter preparado melhor a reacção a esta tempestade?

Tendo em conta a magnitude da tempestade, acredito que não era possível estar melhor preparado porque ninguém podia prever o quão forte seria o impacto. Nova Orleães nunca tinha sido atingida por um furacão com

tal intensidade por isso creio que era difícil ter planeado as coisas de outra forma. Sei que é fácil olhar para trás e dizer que devíamos ter feito isto ou aquilo mas se não se sabe exactamente o que vai acontecer é difícil planear o que fazer. Mesmo que eles soubessem que se um furacão atingisse o muro haveria graves inundações porque estão abaixo do nível do mar e entre o rio e o lago, creio que nunca ninguém pensou que viesse a resultar em tal caos. E foi um caos. As coisas terríveis que estavam a acontecer no Centro de Convenções... não creio que alguém pudesse alguma vez ter imaginado algo pior.

Qual foi a sua primeira reacção?

Fiquei perturbada por vários dias. Estava a ver televisão quando mostraram o Centro de Convenções e os corpos... eu morava na rua em frente, conseguia ver o edifício da minha janela. Talvez para as pessoas que nunca lá estiveram estas sejam só imagens na televisão, mas para mim a ideia de haver corpos sem vida na rua onde eu costumava viver foi devastadora. Tive pesadelos horríveis durante algum tempo. É um sentimento muito estranho por que estamos a olhar para aquele que costumava ser o cenário de muitas das nossas memórias e da nossa vida e vê-lo naquele estado parece surreal. Não parece realidade. Parece que afecta as nossas memórias, é um sentimento horrível ver que os locais que nos dizem alguma coisa, que tiveram impacto na nossa vida, já não estão lá. E as pessoas que são parte dessas memórias não têm nada e as suas vidas nunca mais serão as mesmas.

Tinha planos para lá voltar?

Uma das minhas melhores amigas de lá está grávida, vai ter o bebé em Dezembro e eu estava a planear ir a Nova Orleães em Outubro e novamente na Primavera.



Planeia auxiliar de alguma forma na reconstrução da cidade?

Estou a planear coordenar esforços de alunos e licenciados da Universidade de Tulane e fazer algo do género da Habitat for Humanity, um trabalho de reconstrução, no próximo Verão. Tendo sido a Universidade em que estudei, sei que tem uma rede diversificada de licenciados, dispersos por vários locais dos EUA, que ficaram com fortes laços a Nova Orleães e que, não tendo sido afectados pela tempestade, desejam ajudar e abdicar de algum tempo das suas férias para ajudar no trabalho de reconstrução. Embora seja ainda cedo para começar a planear algo porque ainda não se sabe ao certo como vai ser a situação final, esta é uma ideia que quero levar avante.

Vanessa Pereira

(conclusão da página anterior)

que numa área republicana, é uma cidade mais liberal, mais democrata.

Corpo ainda por recuperar

Vanessa ainda não recuperou o corpo da mãe. “Isso é mais outra coisa” diz-nos. Tem contactado as autoridades do estado de Louisiana para saber se o corpo da mãe foi encontrado, mas até agora ninguém lhe deu essa informação. “Não sabemos é a única coisa que dizem. Trata-se da minha mãe. Ela teve uma morte horrível e agora nem sequer me sabem dizer onde está o seu corpo. Ela sempre desejou ser sepultada com a minha avó. Era o seu desejo e eu tenho tudo pronto e acordado com a agência funerária e eles nem sequer a conseguem encontrar”.

Vanessa foi contactada pelo Governo português, ao qual agradeceu a atenção e a preocupação, mas diz querer cumprir o desejo de sua mãe de ser sepultada nos EUA. Quanto ao que vai fazer para apurar responsabilidades, diz ter falado com um advogado para saber o que poderiam fazer, no entanto optou por se aliar à cidade nas medidas que irão ser tomadas.

Os portugueses no Lousiana

Segundo Catarina Arruda — encarregada da secção consular da Embaixada de Portugal em Washington — eram apenas 12 os portugueses com residência em Nova Orleães, num todo de cento e tal em todo o estado do Louisiana. Por sua vez, o Censo Americano de 2000 indica haver 337 pessoas de origem portuguesa na cidade de afectada e 2.550 no estado do Louisiana, presumindo-se que sejam luso-americanos, segundo informou a Lusa.

O desastre natural mais destrutivo da história dos Estados Unidos

São já mais de mil as vítimas mortais e incontáveis as vítimas dos estragos causados pela passagem devastadora do furacão Katrina por Nova Orleães, no estado do Louisiana. A tempestade, de categoria 4, atingiu a cidade a 29 de Agosto e ficou na história como o desastre natural mais destrutivo nos Estados Unidos, tendo também afectado outras regiões costeiras de Louisiana, Mississipi e Alabama. Nova Orleães, que fica abaixo do nível do mar, ficou inundada quando a força da tempestade destruiu o sistema de diques que protegia a cidade do Lago Pontchartrain tendo deixado estragos estimados acima dos \$200 biliões e mais de um milhão de pessoas desalojadas. Uma crise humanitária considerada uma das piores da história do país.